



# Educação linguística, transculturalidade e a internacionalização do português no século XXI: uma entrevista com Joaquim Dolz

Joaquim Dolz<sup>1</sup> e Kleber Aparecido da Silva<sup>2\*</sup>

<sup>1</sup>Universidade de Genebra, 40, Bd. Pont-d'Arve, 1205 Genève, Suíça. <sup>2</sup>Universidade de Brasília, Campus Universitário Darcy Ribeiro, 70910-900, Brasília, Distrito Federal, Brasil. \*Autor para correspondência. E-mail: kleberunicamp@yahoo.com.br

Received on March 31, 2022.

Accepted on June 8, 2022.

## Introdução

Esta entrevista tem por objetivo central apresentar reflexões sobre Didática das Línguas, focalizando, entre outros, temas como educação linguística, transculturalidade e internacionalização do português no século XXI. O texto nos convida a uma 'crítica de dentro para fora', por meio da seguinte provocação e/ou indagação: 'Como empoderar o professor de Língua Portuguesa para ensinar de forma produtiva e formar cidadãos brasileiros?'. Consideramos esta questão de suma importância dentro do âmbito da educação linguística no Brasil.

A partir desta entrevista realizada com um pioneiro e estudioso da área da Didática das Línguas, Joaquim Dolz, da Universidade de Genebra, visa-se suscitar reflexões críticas sobre planejamentos e experiências docentes em sala de aula, (re)apresentar realidades do ensino de Língua Portuguesa e desvendar possibilidades metodológicas e teóricas profícuas para a ruptura de concepções cristalizadas no sistema de ensino público.

O texto está dividido em 2 (duas) partes. Na primeira seção, apresentamos e discutimos 11 (onze) perguntas que estão interligadas com questões de Educação linguística, transculturalidade e a internacionalização. E, por último, apresentaremos uma síntese com reflexões sobre língua(gem), políticas linguísticas, letramentos, gêneros textuais/discursivos, visando a propor parâmetros e/ou orientações advindas de uma 'crítica de dentro para fora' e contribuir com o empoderamento do professor de Língua Portuguesa e de seus alunos nas escolas públicas.

## Educação linguística, transculturalidade e a internacionalização: diálogos

**Pergunta:** O que é língua(gem) para você?

**Joaquim Dolz:** A linguagem é uma das principais capacidades do ser humano. Do ponto de vista psicológico, é uma função psíquica superior que nos permite utilizar diferentes sistemas de signos verbais e possibilita a comunicação, representação e pensamento. A linguagem é uma capacidade que pode ser atualizada em diferentes línguas. Tem que ser diferenciada a língua portuguesa e a linguagem como faculdade. A sua capacidade de linguagem permite a você aprender e falar diferentes línguas como o português brasileiro, sua língua primeira familiar, e outras línguas que aprendeu durante a sua vida. Eu estou respondendo em português, que foi uma língua aprendida quando já tinha 30 anos. A capacidade de linguagem é universal e comum a toda a espécie humana. Alguns autores aplicam o termo linguagem a sistemas de signos não verbais. Eu acho que é uma utilização metafórica e que a capacidade de linguagem verbal é diferente de outros modos de comunicação.

Implicitamente, você me pede a diferença entre linguagem e língua. Em primeiro lugar, falamos de línguas naturais para distinguir os sistemas de signos entre as línguas, por exemplo, o tikuna, o guarani, o inglês e o espanhol têm sistemas de signos particulares, com uma história diferente. Para os saussurianos, o conceito de língua evoca o sistema e pode se aplicar as diferentes línguas.

O que é importante precisar, se a você interessa a minha posição, ela é bem diferente da posição chomyskiana sobre a linguagem. Para Chomsky, a linguagem é uma competência inata, faz parte do dispositivo biológico dos homens. Para mim, seguindo a posição de Vigotsky, a linguagem é resultado de aprendizagens realizadas em interação na sociedade (Bronckart, 2000). Não se trata de negar o fundamento biológico, mas de insistir na herança histórica e cultural e compreender como a linguagem é um resultado da

ação entre congêneres. A nossa perspectiva é radicalmente diferente porque não concebemos a aquisição como simples emergência do dispositivo biológico inato, mas como a apropriação de uma herança cultural associada à cooperação humana.

**Pergunta:** Em que consiste aprender e ensinar Língua Portuguesa na contemporaneidade?

**Joaquim Dolz:** As suas questões são muito gerais e cada uma poderia permitir a escrita de uma obra acadêmica de muitas páginas. Vou tentar responder brevemente. A aquisição da linguagem é o resultado de um processo de aprendizagem. Isso é verdade não unicamente da língua portuguesa, porque tem no Brasil muitas crianças bilíngues que aprendem simultaneamente ou sucessivamente várias línguas (Dolz & Idiazábal, 2013; Rispail, 2018): uma língua ameríndia ou uma língua de herança, como o italiano, o alemão e o espanhol. A aprendizagem pode ser informal, latente ou incidente. As crianças, quando aprendem nas interações familiares o português, não têm consciência de que estão aprendendo, ainda que existam múltiplas incitações explícitas e motivações para desenvolver a linguagem. Os processos de aprendizagem são fundamentais para compreender o desenvolvimento da linguagem. Falamos de ensino quando a transmissão é formal e organizada. A escola é a instituição que tem a função de organizar práticas, técnicas e métodos para desenvolver diversas aprendizagens, entre elas, na escola brasileira, a língua portuguesa (Schneuwly & Dolz, 2004; Dolz, Gagnon, & Decândio, 2010; Dolz, Lima, & Zani, 2020).

Você me pergunta quais são as particularidades do ensino da língua portuguesa na contemporaneidade no Brasil. Em primeiro lugar, o Brasil vive momentos de mudança muito importantes e as crianças entram na escola cada dia mais cedo. No ensino fundamental e, sobretudo, nas primeiras etapas, o desafio é completar e desenvolver os usos orais da língua portuguesa e conseguir a melhorar a entrada no mundo da escrita.

Em segundo lugar, acho que o desafio é a luta contra o iletrismo. O Brasil ainda não conseguiu ter bons índices de letramento e do que hoje chamamos multiletramento. O ensino fundamental precisa de maiores recursos, especialmente para as escolas públicas. A formação dos professores e as inovações didáticas são particularmente importantes no ensino fundamental.

Em terceiro lugar, o ensino toma em consideração sempre três aspectos: 1) A voz e as capacidades iniciais dos alunos. A diversidade dos alunos no Brasil exige uma adaptação aos repertórios e os conhecimentos linguísticos dos alunos. Nesse momento, falaria de projetos linguísticos de centro enfocados na realidade sociolinguística da comunidade do entorno. 2) Os conteúdos ensinados. A BNCC tem um enfoque muito inovador e ambicioso centrado nos gêneros de texto. Eu vou precisar que a finalidade maior do ensino é conseguir que todos os alunos do Brasil, independentemente da sua origem social e regional, sejam capazes de se comunicar oralmente e por escrito em múltiplas situações de comunicação, inclusive a partir da revolução digital, por isso falamos de multiletramento (Rojo & Almeida, 2012). Se o objetivo fundamental é ser capaz de compreender e produzir gêneros de textos diversos para a vida cidadã e para poder desenvolver uma profissão e continuar também outros estudos, eu acho que outras duas finalidades têm que ser levadas em consideração: 1) reflexionar sobre a língua e a comunicação (a gramática ao serviço dos usos da língua e para um maior conhecimento da língua portuguesa); e 2) a transmissão do patrimônio cultural, que significa conhecer, por exemplo, Luís Vaz de Camões, Clarice Lispector, Fernando Pessoa e Chico Buarque, mas também a história da língua e dos seus usos.

**Pergunta:** Quais os efeitos da relação entre linguagem e sociedade nas pesquisas em Linguística Aplicada, a partir da perspectiva do sociointeracionismo discursivo?

**Joaquim Dolz:** O Interacionismo Sociodiscursivo é o nome que Jean-Paul Bronckart (2000) atribuiu a perspectiva epistemológica da Escola de Genebra. O interacionismo se interessa pelas ações conjuntas em sinergia que permitem o desenvolvimento. Nós postulamos que os discursos, no feito que as relações dos indivíduos com a comunidade a que eles pertencem, são orientados pelas práticas de linguagem, permitem o desenvolvimento. Vou formular de outra maneira. Os brasileiros formam parte majoritariamente de uma comunidade de interpretação dos signos. É verdade que poderíamos falar de diversas comunidades discursivas. Provavelmente, você, linguista da Universidade de Brasília, faz parte de uma comunidade acadêmica em que todos os brasileiros ficariam talvez perdidos com os numerosos neologismos que utilizamos e os gêneros de texto da nossa esfera profissional não podem ser compreendidos e interpretados por uma parte da população. Também eu, com o meu nível limitado de conhecimento da língua portuguesa, posso estar perdido numa cantina popular ouvindo um diálogo sobre futebol entre palmerenses e corintianos. O feito de fazer parte da comunidade permite a interpretação dos signos, a compreensão dos outros e, inclusive, a antecipação do comportamento deles. As práticas de linguagem e as práticas discursivas são o principal instrumento das interações sociais.

A Linguística Aplicada, fundamentada no Interacionismo Sociodiscursivo (Machado, 1998; 2000, 2002; Machado, Lousada, & Abreu-Tardelli, 2004; Machado & Cristovão, 2006, 2009) estuda principalmente os fenômenos de ensino e aprendizagem das línguas em plural. Nesse sentido, autoras como Vera Cristóvão, Eliane Lousada, Eulália Leurquin trabalharam sobre o ensino e a aprendizagem de diferentes línguas no Brasil, principalmente inglês, francês e espanhol. Tem autores importantes que trabalham o desenvolvimento de gêneros de textos orais (Luzia Bueno, Tânia Magalhães, Ewerton Luna, Juliana Zani) ou escritos (Ana Maria de Mattos Guimarães, Anderson Carnin, Gustavo Lima, Regina Celi Mendes Pereira, Audria Leal, Carla Teixeira etc.). Tem também autores que trabalham o agir docente, como Carla Silva-Hardmeyer, e sobre a relação entre linguagem e trabalho (Lília Abreu-Tardelli, Ermelinda Barricelli). A autora brasileira mais importante é Ana Rachel Machado, já falecida. Em Portugal, Antônia Coutinho nos fundamentos linguísticos e Luisa Alvarez Pereira que tem um conjunto de trabalhos muito importantes em didática do português.

Aqui eu falei unicamente de alguns autores do movimento ISD em língua portuguesa. Na Suíça, na França e na Espanha, a perspectiva maior está centrada nos estudos sobre ensino e aprendizagem de línguas, também a relação entre linguagem e trabalho, e a disciplina acadêmica que mais se desenvolveu os últimos 40 anos é a Didática das Línguas.

No meu caso, trabalhei sobre o desenvolvimento de gêneros orais e escritos na escola (Schneuwly & Dolz, 2004), na análise de práticas de ensino e de formação (Dolz & Gagnon, 2018) e realizei muitos trabalhos na Engenharia Didática, elaboração de sequências e itinerários didáticos e experimentação nas aulas para analisar o impacto nas aprendizagens (Dolz, Lima, & Zani, 2021).

**Pergunta:** Qual é o papel da pedagogia dos (multi)letramentos e da teoria dos gêneros textuais e/ou discursivos no ensino-aprendizado da língua portuguesa?

**Joaquim Dolz:** A Pedagogia dos multiletramentos foi desenvolvida no Brasil principalmente por Roxane Rojo (Rojo & Almeida, 2012). No nosso caso, falamos de multimodalidade dos gêneros. Todo gênero de texto oral e escrito combina diferentes sistemas semióticos, por isso falamos de multimodalidade. Como Roxane Rojo, somos sensíveis as novas formas de comunicação digital e estudamos as características dos gêneros que se utilizam nas redes sociais da internet. A pandemia desenvolveu dispositivos de ensino a distância que tem grandes potencialidades. Com Gustavo Lima e Juliana Zani, analisamos uma videoaula de literatura portuguesa para alunos surdos em que o dispositivo de ensino era a distância, a aula era plurilíngue, combinando Libras, português oral e escrito, onde a multimodalidade e a tentativa de multiletramento são particularmente interessantes. É seguro que é uma linha de pesquisa e de inovação pedagógica que tem uma potencialidade muito grande.

**Pergunta:** Quais são as novidades sobre multiletramentos e sobre oralidade na BNCC? E por que isto é importante?

**Joaquim Dolz:** A BNCC dá uma importância maior ao multiletramento. Nesse sentido, o Brasil é um país pioneiro sobre uma necessidade no ensino das línguas. Por quê? A ambição da BNCC é de abrir a perspectiva a diferentes formas de letramento que superam as formas mais elementares de leitura e de compreensão oral. O multiletramento se aplica a usos da língua oral e escrita do universo digital e numérico. Em realidade, todos os textos orais são multimodais. Quando você ouve a minha resposta, vê os meus gestos e a mímica facial que também contribuem à interpretação. Mas, o trabalho proposto é muito mais importante porque supõe uma entrada em formas de comunicação que combinam a oralidade, a escrita e a imagem. Nos livros didáticos atuais, quando se trabalha uma canção como 'Construção', de Chico Buarque, se trabalha de maneira clássica fundamentalmente a letra, o vocabulário, a compreensão das expressões do texto, mas não se explora a articulação entre a música e o texto e as ressignificações da canção desde o momento da sua criação. O multiletramento é, nesse sentido, ambicioso para desenvolver as significações sociais dos diferentes sistemas semióticos orientados pelos usos e a recepção do grupo. O multiletramento vai muito mais longe da recepção e aborda as questões relativas aos processos de produção textual.

O único perigo da ambição de trabalhar em uma perspectiva fundamentada no multiletramento seria esquecer da importância maior da língua portuguesa, dispersando-se em outros sistemas semióticos. Por exemplo, eu analisei uma aula de leitura no ensino fundamental no Brasil. Tratava-se de interpretar uma história em quadrinhos onde a reconstrução do relato exclusivamente a partir das imagens não estava ajudando crianças que tinham um nível elementar de leitura a decodificar o texto escrito que acompanhava a história em quadrinhos. No meu entender, a professora tratava de desenvolver a leitura e eu não percebia um trabalho sobre a língua escrita.

**Pergunta:** Como está organizada a progressão das aprendizagens no currículo proposto pela BNCC?

**Joaquim Dolz:** A minha resposta será simples. Não me considero um especialista do currículo proposto. Na minha leitura, acho que ele precisa de uma concretização que ajude os professores a estabelecerem a progressão. Isso pode se realizar posteriormente com a colaboração dos Estados e, sobretudo, das experiências docentes. A BNCC é um currículo aberto e isso é positivo. Ao meu entender, um bom currículo precisa ser ascendente tomando em consideração as experiências dos professores. Em outros países, estamos vivendo situações similares. O conceito de validação didática poderia ajudar na organização da progressão. Para que o currículo seja adotado, pragmático e operativo, tem que ser muito mais concreto que os fundamentos iniciais. E tem que demonstrar um efeito positivo nas aprendizagens dos alunos.

**Pergunta:** Como assegurar uma boa difusão da BNCC e quais seriam os seus impactos sobre a formação inicial e contínua de professores/as de línguas?

**Joaquim Dolz:** A formação docente é fundamental para melhorar o ensino e a aprendizagem. A melhor maneira de difundir a BNCC é experimentar na prática as novas propostas com acompanhamento formativo.

A formação inicial do professor tem a obrigação de apresentar e debater as novas propostas. Mas isso não é suficiente. A formação inicial tem que acompanhar as práticas dos futuros professores. Eu sou partidário de uma boa articulação entre as dimensões teóricas e a prática no terreno escolar. Não é suficiente uma apresentação pedagógica das inovações didáticas. Os aspectos estritamente linguísticos e semióticos são complexos e deveriam ser abordados na formação. O desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos e a sua avaliação têm também que ser abordados. Mas, sobretudo, a concretização de situações didáticas, de estratégias de ensino e de experimentação prática nas aulas que vão permitir compreender e desenvolver o agir do professor.

Um professor sabe que a sua formação durará toda a vida. Nós aprendemos a nossa profissão ensinando. Mas, precisamos do coletivo para experimentar e compartilhar as experiências inovadoras. A formação continuada do professorado introduzindo as novidades da BNCC pode impulsionar uma melhora do sistema educacional. Idealmente, precisamos articular BNCC, formação docente e pesquisa. Eu, como pesquisador, estaria interessado em observar o desenvolvimento dos professores de língua portuguesa a partir dos fundamentos da BNCC.

**Pergunta:** Que concepção de aluno e de professor seria mais adequada às pesquisas na Linguística Aplicada e em Educação Linguística?

**Joaquim Dolz:** Difícil de responder. Para mim, a primeira coisa sempre é mobilizar o engajamento dos alunos. Os alunos podem ter uma postura de resistência e, sem sua participação ativa, a aprendizagem é muito complexa. Imagino os alunos no Brasil muito diferentes uns dos outros. Nesse sentido, uma pedagogia diferenciada e adaptada às múltiplas necessidades é fundamental. Queremos uma escola inclusiva e incluir, no caso das práticas de linguagem, supõe aceitar as vozes (e as línguas familiares) sem preconceitos. As posturas dos alunos têm que ser levadas em consideração no ensino e, numa visão baseada no Interacionismo Sociodiscursivo, são os intercâmbios e as formas de comunicação entre professor e aluno e entre alunos colaborando na aprendizagem que são particularmente importantes.

A observação do agir do professor nas práticas de ensino das línguas nos ajuda a compreender os diferentes gestos profissionais que lhe caracteriza (Schneuwly & Dolz, 2008): como planifica o trabalho da aula, como lança a consigna de uma atividade, que conceitos mobiliza, que atividades de linguagem caracterizam a sua prática, como regula as interações. Os gestos profissionais e particularmente os gestos didáticos nos ajudam a caracterizar o agir do professor.

**Pergunta:** As novas tecnologias digitais têm trazido contribuições no uso e na aprendizagem de Língua Portuguesa? De que forma?

**Joaquim Dolz:** Em poucas palavras, acho que o ensino das línguas tem muitas possibilidades técnicas que sempre foram pouco desenvolvidas. A plataforma da Olimpíada de Língua Portuguesa mostra algumas das possibilidades, criando também uma rede de colaboração entre professores e alunos de todo o país. As novas tecnologias apresentam múltiplos recursos para trabalhar a oralidade e o multiletramento. Mas não se trata unicamente de documentos facilmente mobilizados. Hoje, podemos criar jogos didáticos, sequências de ensino e itinerários didáticos totalmente inovadores em contraste com os livros didáticos clássicos impressos. Inclusive financeiramente pode ser mais interessante propor materiais didáticos baseados nas novas tecnologias que unicamente no papel impresso.

Falar de todas as contribuições na aprendizagem de língua portuguesa exigiria uma obra completa e não uma resposta rápida. O que não podemos esquecer é que a língua portuguesa se aprende nas interações e que



as interações presenciais são muito importantes. Desenvolver os usos da língua portuguesa não pode se realizar exclusivamente a distância. As novas tecnologias digitais têm uma projeção importantíssima, a potencialidade é enorme, mas podemos cair numa deriva tecnicista e limitar interações sociais e afetivas que exigem a presença e são fundamentais no desenvolvimento humano.

**Pergunta:** Há influências da pós-modernidade no campo da Educação Linguística? Quais?

**Joaquim Dolz:** O pos-modernismo é um movimento da segunda metade do século XX que questiona o positivismo, com uma extensão importante nas ciências sociais e a filosofia. A diversidade de pontos de vista, o que chamo metodologicamente uma aproximação multifocal e o ponto de vista das minorias enriquece a compreensão dos fenômenos educativos e em particular a compreensão da educação linguística.

Nós estamos todos numa fase pós-moderna, se você se refere a uma modernidade cartesiana ou ao positivismo do século XIX. A pesquisa linguística e didática de hoje utiliza métodos diversos compreensivos que podem ser caracterizados como pós-modernos. Estudar a situação e o repertório linguístico dos alunos vulneráveis faz parte da nossa preocupação. A socio-didática das línguas toma em conta o impacto da história, da geografia e do contexto. Estuda o estatuto e as representações das línguas ensinadas, as interações desiguais entre as línguas, o contexto sociolinguístico dos alunos, o repertório linguístico dos alunos e a influência dos preconceitos que se podem ter sobre as variedades de uso das línguas, os fenômenos complexos de alternância de línguas. A ruptura com as convenções do positivismo estrito é importante. As racionalidades dos observadores ou pesquisadores é tomada em consideração. As metodologias para o análise das práticas de language et de ensino são ascendentes, botton-up, ou um híbrido que toma em consideração os discursos oficiais das prescrições e os discursos informais dos docentes e dos alunos. A perspectiva crítica é importante.

Mas, eu defendo a importância de pesquisas empíricas rigorosas. O movimento da decolonialidade considera que a pesquisa acadêmica precisa de novas bases epistemológicas. Eu compartilho a ideia de que a pesquisa em Ciências Sociais criada pela modernidade elaborou uma retórica que merece ser criticada. Mas eu também sou crítico com uma pedagogia pos-moderna exclusivamente filosófica e que defende, em alguns casos, um relativismo radical. Até agora eu tenho muitas dificuldades para perceber as novidades metodológicas propostas pelo movimento da decolonialidade. Em câmbio, acho que observar e avaliar a educação linguística pode se organizado com novos pressupostos epistemológicos.

O Interacionismo Sociodiscursivo permite esse tipo de trabalho. Permite, em primeiro lugar, compreender o funcionamento discursivo em situações de comunicação diversas. Eu diria que ajuda a compreender o funcionamento discursivo em situações de comunicação desiguais, tema que interessa particularmente ao movimento decolonial. A análise das interações na aula é um caso particular de funcionamento discursivo e acho que nós contribuimos para uma nova epistemologia com vistas a analisar os fenômenos de ensino e aprendizagem, sempre tomando em consideração os contextos sociolinguísticos e institucionais. Para analisar o impacto do ensino sobre a aprendizagem dos alunos, eu me esforço em criar dispositivos inovadores para provar a validação didática das inovações e das práticas atuais.

**Pergunta:** Quais as perspectivas da Educação Linguística e seus desafios neste contexto pandêmico?

**Joaquim Dolz:** A pandemia modificou as nossas vidas e nos obrigou a generalizar dispositivos de ensino a distância. Foi um período de aprendizagem de inovações técnicas e digitais a distância. Atenção, o problema e o desafio não eram unicamente técnicos. O problema foi como manter a ligação afetiva e social indispensáveis para a educação linguística. A distância fez com que todos nos mobilizássemos para trabalhar em um novo contexto, mas todos percebemos a importância maior da ligação afetiva e social para desenvolver as aprendizagens linguísticas, sobretudo com os alunos mais novos, mas também no âmbito acadêmico e para a formação profissional docente.

### Considerações finais

A perspectiva adotada neste artigo coaduna-se com as constatações de temas de pesquisas recentes, realizados no bojo da Linguística Aplicada (Crítica), Didática das Línguas e da Sociolinguística Educacional (Schneuwly & Dolz, 2004 ; Bortoni-Ricardo, 2004; 2005; Rojo, 2006; Pessoa, Silva, & Freitas, 2021).

São direcionados às experiências pedagógicas sobre o ensino de línguas, concebidas como praxiologias críticas, que dão ênfase não somente aos aspectos gerais do ensino, como à expressão oral, à leitura e produção textual, à análise linguística. Também realçam a importância de trabalharmos aspectos culturais, ideológicos e políticos. Esta filosofia de ensino de Língua Portuguesa converge com os preceitos educacionais de Freire (1987, p. 34) quando afirma que

Não há ‘prática social mais política que a prática educativa’. Com efeito, a educação pode ocultar a realidade da dominação e da alienação ou pode, pelo contrário, denunciá-las, anunciar outros caminhos, convertendo-se assim numa ferramenta emancipatória. O oposto da intervenção é a adaptação, é acomodar-se, ou simplesmente adaptar-se a uma realidade sem questioná-la.

Em síntese, defendemos que os resultados de pesquisas realizadas no bojo da Linguística Aplicada e da Didática das Línguas deveriam ser incorporados no (re)pensar em políticas linguísticas e em políticas educacionais, visando assim fomentar e promover iniciativas docentes para a educação linguística crítica, em contextos que têm desafios educacionais, sociais, comportamentais, culturais. E isto só será possível por meio de ações instigadoras que possam fazer com que os/as professores/as adotem posturas críticas e/ou decoloniais em suas salas de aula, por meio de buscas de inovações metodológicas, didáticas, epistêmicas e teóricas mais condizentes com os paradigmas que vislumbramos nesta contemporaneidade.

## Referências

- Bortoni-Ricardo, S. M. (2004). *Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo, SP: Parábola.
- Bortoni-Ricardo, S. M. (2005). *Nós chegemu na escola e agora?* São Paulo, SP: Parábola.
- Bronckart, J.-P. (2000). *Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sociodiscursivo*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Dolz, J., & Gagnon, R. (2018). *Former à enseigner la production écrite*. Lille, FR: Presses Universitaires du Septentrion.
- Dolz, J., & Idiazabal, I. (2013). *Enseñar (lenguas) en contextos multilingües*. Vitoria-Gazteiz, ES: Euskal Herriko Unibertsitateko.
- Dolz, J., Gagnon, R., & Decândio, F. (2010). *Produção escrita e dificuldades de aprendizagem*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Dolz, J., Lima, G., & Zani, J. B. (2020). Itinerário para o ensino do gênero fábula: a formação de professores em um minicurso. *Textura*, 22(52), 250-274.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido* (17. ed.). Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.
- Machado, A. R. (1998). *O diário de leituras. A introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Machado, A. R. (2000). Uma experiência de assessoria docente e de elaboração de material didático para o ensino de produção de textos na universidade. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 16(1), 1-26. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502000000100001>
- Machado, A. R. (2002). Trabalho prescrito, planejado e realizado na formação de professor: primeiro olhar. *Scripta*, 6(11), 39-53.
- Machado, A. R., & Cristovão, V. L. L. (2006). A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. *Linguagem em (Dis)curso*, 6(3), 547-573.
- Machado, A. R., & Cristovão, V. L. L. (2009). Representações sobre o professor e seu trabalho em proposta institucional brasileira para a formação docente. In L. S. Abreu-Tardelli & V. L. L. Cristovão (Orgs.), *Linguagem e educação: o trabalho do professor em uma nova perspectiva* (p. 117-136). Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Machado, A. R., Lousada, E., & Abreu-Tardelli, L. S. (2004). *Resumo*. São Paulo, SP: Parábola.
- Pessoa, R. R., Silva, K. A., & Freitas, C. C. (2021). *Praxiologias do Brasil central sobre educação linguística crítica*. São Paulo, SP: Pá de Palavra.
- Rispail, M. (2018). *Abécédaire de sociodidactique – 65 notions et concepts*. Namur, BE: PU Saint-Etienne.
- Rojo, R. H. R. (2006). Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In L. P. M. Lopes (Org.), *Por uma linguística aplicada interdisciplinar* (p. 253-276). São Paulo, SP: Parábola.
- Rojo, R. H. R., & Almeida, E. M. (2012). *Multiletramentos na escola*. São Paulo, SP: Parábola.
- Schneuwly, B., & Dolz, J. (2004). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Schneuwly, B., & Dolz, J. (2008). *Des objets enseignés en classe de Français*. Rennes, FR: PU de Rennes.